

ROTA
LITERÁRIA
do ALGARVE

TAVIRA





ITINERÁRIO LITERÁRIO DE TAVIRA

Informações úteis

Duração média do passeio: 2h

Extensão aproximada: 3,5 km

Grau de dificuldade: fácil

Tipo de percurso: linear

Ponto de partida: Ponte antiga sobre o Rio Gilão: Margem esquerda



Pontos de paragem

1

*Ponte antiga sobre o Rio Gilão
(Ponte Romana): Margem esquerda*

2

Casa Álvaro de Campos

3

Igreja da Misericórdia

4

*Igreja Matriz de Santa Maria
do Castelo*

5

Muralhas e Castelo

6

Praça da República

7

Jardim do Coreto

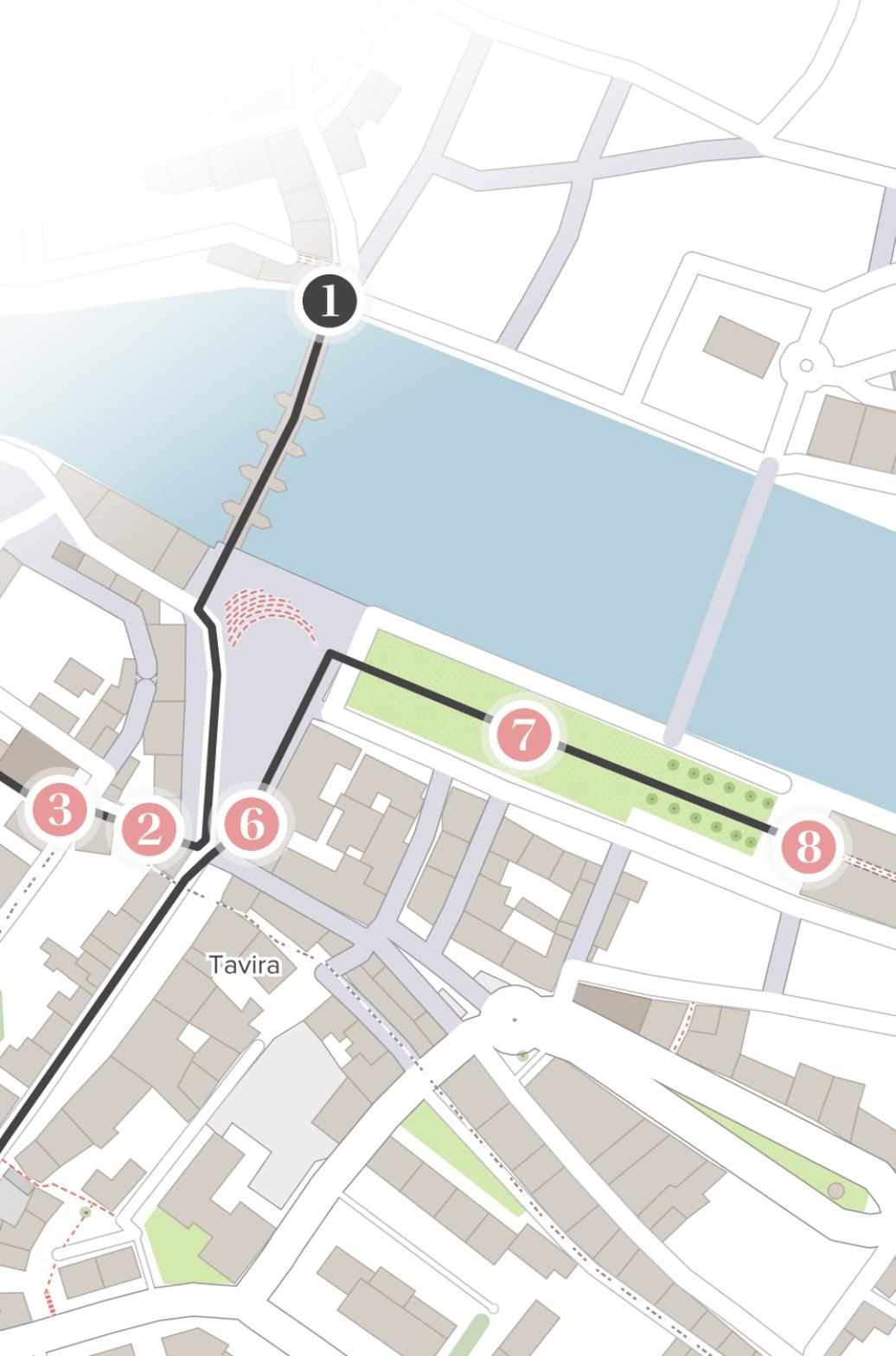
8

Antigo Mercado da Ribeira

MAPA DO ITINERÁRIO DE TAVIRA

- 1 *Ponte antiga sobre o Rio Gilão
(Ponte Romana): Margem esquerda*
- 2 *Casa Álvaro de Campos*
- 3 *Igreja da Misericórdia*
- 4 *Igreja Matriz de Santa Maria
do Castelo*
- 5 *Muralhas e Castelo*
- 6 *Praça da República*
- 7 *Jardim do Coreto*
- 8 *Antigo Mercado da Ribeira*





1

3

2

6

7

8

Távira

1

Ponte antiga sobre o Rio Gilão (Ponte romana): Margem esquerda



Está em Tavira, cidade do sotavento algarvio, situada “nas primeiras serranias da serra do Algarve e resguardada do mar pela ilha que lhe fica defronte” (Khawli, 2003: 132).

Esta cidade-estuário encontra-se de alguma forma “escondida”, característica que poderá estar na origem da sua designação.

Com efeito, apesar de não haver consenso entre os especialistas, pois a presença humana neste local remonta ao período fenício e, aqui perto, situam-se as ruínas da romana Balsa, a designação

“Tavira” poderá ter origem no vocábulo árabe *Tabîra*, que significa escondida, refugiada, discreta.

Este passeio é um convite à descoberta de Tavira, mediado e enriquecido pela beleza e pelo ritmo de textos literários nos quais a cidade é representada ou que nela se inspiraram.

Atravessada pela tranquilidade do Rio Gilão, Tavira é iluminada por um casario branco com telhados de tesoura (ou de quatro águas), chaminés algarvias e portas de reixa, que se ergue ao longo de



Foto 1: Vista da margem esquerda.

ruas estreitas, remetendo para a herança mourisca desta importante povoação do *Al Garb al Andaluz*.

De facto, este e outros legados sobressaem numa paisagem urbana também composta de casas apalaçadas (outrora pertencentes a ricos mercadores e aristocratas), de troços de muralhas antigas e cubelos (torreões), lembrando o período da Reconquista, e das torres e cúpulas das vinte e uma igrejas, capelas e conventos, que testemunham a forte presença religiosa na que é conhecida como “a cidade das igrejas” (foto 1).

Por estar implantada nas duas margens de um rio, Távira teve desde cedo a necessidade de as unir através de pontes (presentemente em número de seis). O visitante encontra-se na margem esquerda, à entrada do tabuleiro da “velha ponte romana [que] é, de todas, aquela que o taviense mais adora. Não sòmente [*sic*] por ela representar o principal elo de ligação do separativismo [*sic*] geográfico da [...] terra, mas e sobretudo, por ela constituir o mais antigo índice da longevidade da antiquíssima Balsa.” (Chagas, [1967] 1968: 81).

Vulgarmente chamada *ponte romana*, esta construção é composta por uma sucessão de arcos de volta perfeita semelhantes aos que associamos às pontes construídas pelos romanos. Todavia, o facto de ao longo dos tempos a ponte ter sido alvo de diversas reparações e reconstruções gera dúvidas relativamente à sua origem. Atualmente prevalece a tese segundo a qual as primeiras referências a esta ponte surgem na *Crónica da Conquista do Algarve*, no século XIII, e de que, como tal, a ponte terá sido erigida nessa altura, devendo as suas formas atuais a uma reconstrução ocorrida entre 1655 e 1657.¹ Independentemente da data da sua construção, sabendo-se que a história de Tavira é indissociável da do porto da cidade, acredita-se que vários trilhos do interior algarvio passariam por aqui e que este seria um ponto de interseção dos caminhos terrestre e fluvial (Adão *et al.*, 2004: 11-13, Galhardo, s.d.:

23-25). Da importância do porto de Tavira e da atividade comercial associada, falaremos no ponto 6 deste passeio.

Entre as muitas curiosidades associadas a esta ponte, assinalamos o facto de ela marcar o lugar em que o rio muda de nome: a montante, denomina-se Séqua e a jusante Gilão, mantendo esse nome até desaguar nas Quatro Águas (a cerca de três quilómetros de distância do ponto em que se encontra). Deixando-nos levar pela tradição oral, aceitemos como explicação para esta “separação das águas” a lenda de um amor proibido, segundo a qual, aquando da ocupação muçulmana de Tavira, a filha de um rei mouro, de seu nome Séqua, e um cavaleiro cristão, chamado Gilão, se apaixonaram perdidamente. O casal encontrar-se-ia todas as madrugadas às escondidas nesta ponte, até que alguém os descobriu e denunciou.

1. “Património arquitetónico civil” disponível em cm-tavira.pt/site/node/448.

Cercado por militares de ambas as fações, o casal entrou em pânico e suicidou-se: ela saltando de um dos lados da ponte, e ele do outro: Séqua e Gilão.²

Antes de o convidarmos a atravessar a ponte, desfrutando da vista sobre a margem direita do rio, sugerimos a leitura de um inspirador excerto de uma crónica de Sebastião Leiria:³

Tavira foi sempre este travesso trepar de casario branco pelas colinas de Santa Maria, São Brás, Santa Ana, São Francisco, ou ruas de Mau Foro, dos Mouros, das Freiras, e em paz se estende ordenado, depois, pelas planuras da Ribeira.

Tavira, as vinte igrejas a resar [*sic*], campanários tilitando elevação, bondade, harmonias derramadas no coração. Surpresa de vincados contrastes, sombra de merlões contra a chapada do sol, tortas vielas mouriscas contra ruas largas para o céu, ou por sob o acetinado docel [*sic*] frondoso de arvoredos.

Tavira, jardins salpicando aguarelas, procissão de amenizadores telhados de tesoura, horas de sonho espreguiçadas nos mirantes, fontes antigas, reixas arrendadas, chaminés em despique de poesia, muralhas sobranceiras de castelos e, quando o ventinho mareiro sobe à terra, este cheiro a marisma, a sapeiras esmagadas que faz respirar força e gozo. (Leiria, [1963] 1968: 8-9)



2. “Lenda de Séqua e Gilão” disponível em endarium.org/en/apl/names-of-places/rio-sequa-gilao.

3. **Sebastião Leiria** (Tavira, 1918-1972) foi músico, jornalista, poeta e escritor.



Foto 2: Painel de azulejos.

Chegando ao final do tabuleiro, observe à sua direita o painel de azulejos, cuja inscrição evoca a “memória dos valorosos moradores de Tavira e de Faro que, na crise política de 1383 a 1385, defenderam nesta ponte a causa de D. João I, mestre de Avis” (foto 2).

Diz-nos o escritor e jornalista Manuel da Fonseca⁴ numa crónica de 1968 que, “Passada a ponte

sobre o rio Gilão, paramos na praça onde fica a câmara municipal” ([1968] (1986): 87). E, de facto, assim é. Tem à sua frente a Praça da República, com o edifício da Câmara Municipal no lado esquerdo. Atravesse esta praça e prossiga em direção à escadaria, à sua direita, a partir da base da qual pode ver o arco da Porta de D. Manuel (foto 3). Suba até lá.

4. Manuel da Fonseca (Santiago do Cacém, 1911–Lisboa, 1993) foi romancista, contista, poeta e cronista.



Foto 3: Arco da Porta de D. Manuel.

Esta porta, encimada por um escudo, duas esferas armilares e uma coroa, é uma de dez portas da cidade e foi aberta no reinado de D. Manuel I (1495-1521) para permitir a circulação entre a vila-a-dentro (centro histórico da cidade) e a vila-fora, mais precisamente a Praça da República, então Praça da Ribeira, onde se realizavam os mercados. A título de curiosidade, note que ainda é possível observar na estrutura os buracos onde encaixavam as trancas desta porta (Adão *et al.*, 2004: 52).

Caminhe agora mais alguns metros e encontra à sua esquerda a sede da Casa Álvaro de Campos⁵ inaugurada em 2011 (foto 4).

Aos menos familiarizados com a obra de Fernando Pessoa,⁶ a homenagem neste lugar ao heterónimo do poeta, bem como o facto de o seu nome ter sido atribuído à Biblioteca Municipal e, até mesmo, a alguns estabelecimentos comerciais da cidade, poderá surgir como uma surpresa. Desvendemos então a razão para este facto.



Foto 4: Casa Álvaro de Campos.

5. Horário: terças, quartas e quintas-feiras: 11h00-13h00, 18h00-22h00; sextas-feiras e sábados: 11h00-13h00, 19h00- 23h00; domingos e segundas-feiras: encerrada.

6. Fernando Pessoa (Lisboa, 1888-1935) é o mais conhecido, traduzido e estudado poeta português. Escreveu sob diversos heterónimos, que correspondiam a personagens complexamente criadas pelo autor, sendo as mais conhecidas Álvaro de Campos, Ricardo Reis e Alberto Caeiro.

Casa Álvaro de Campos

*“[...] Álvaro de Campos nasceu em Tavira, no dia 15 de Outubro de 1890 (às 1.30 da tarde, diz-me o Ferreira Gomes; e é verdade, pois, feito o horóscopo para essa hora, está certo).”*⁷ esclarece Fernando Pessoa numa carta dirigida, em 13 de janeiro de 1935, a Adolfo Casais Monteiro, na qual lhe apresenta os seus heterónimos Álvaro de Campos, Ricardo Reis e Alberto Caeiro, para os quais, para além de definir um estilo, Pessoa afirma ter construído *“as idades e as vidas”*.

No caso de Álvaro de Campos, nascido em Tavira, as semelhanças do heterónimo com Fernando Pessoa passam antes de mais pelo aspeto físico. Álvaro é apresentado como um homem dois anos mais velho que o poeta, *“alto (1,75 de altura, mais dois centímetros do que eu), magro e um pouco tendente a curvar-se”* com um *“[t]ipo vagamente de judeu português”*.⁸ Mas Pessoa e Campos partilham também alguns dados biográficos e acredita-se que a naturalidade tavirense do heterónimo refletirá as ligações da família paterna de Pessoa a esta cidade, uma vez que aqui nasceram o seu avô, o General Joaquim António de Araújo Pessoa, e o seu tio, Jacques Cesário Pessoa.

7. “Carta a Adolfo Casais Monteiro” (1935, 13 janeiro) disponível em arquivopessoa.net/textos/3007.

8. “Carta a Adolfo Casais Monteiro” (1935, 13 janeiro) disponível em arquivopessoa.net/textos/3007.



Tendo passado a sua infância em Tavira, Álvaro de Campos regressa em 1931 e no poema “Notas sobre Tavira” sintetiza o confronto entre o passado e o presente, o seu e o da cidade. Aos quarenta e um anos, Álvaro de Campos afirma que a paisagem observada é ele próprio e, no entanto, não reconhece a sua vila, tal como não se reconhece a si. Sente-se um turista em ambos.

Notas sobre Távira

Ceguei finalmente à vila da minha infância.
Desci do comboio, recordei-me, olhei, vi, comparei.
(Tudo isto levou o espaço de tempo de um olhar cansado).
Tudo é velho onde fui novo.
Desde já – outras lojas, e outras frontarias de pinturas nos mesmos prédios –
Um automóvel que nunca vi (não os havia antes)
Estagna amarelo escuro ante uma porta entreaberta.
Tudo é velho onde fui novo.
Sim, porque até o mais novo que eu é ser velho o resto.
A casa que pintaram de novo é mais velha porque a pintaram de novo.
Paro diante da paisagem, e o que vejo sou eu.
Outrora aqui antevi-me esplendoroso aos 40 anos – Senhor do mundo –
É aos 41 que desembarco do comboio [indolentão?].
O que conquistei? Nada.
Nada, aliás, tenho a valer conquistado.
Trago o meu tédio e a minha falência fisicamente no pesar-me mais a mala...
De repente avanço seguro, resolutamente.
Passou roda a minha hesitação
Esta vila da minha infância é afinal uma cidade estrangeira.
(Estou à vontade, como sempre, perante o estranho, o que me não é nada)
Sou forasteiro tourist, transeunte.
E claro: é isso que sou.
Até em mim, meu Deus, até em mim.

Álvaro de Campos ([1931] in Lopes, 1993: 154)



Foto 5: Igreja da Misericórdia.

Se olhar em frente vê a *Igreja da Misericórdia*, o próximo ponto de paragem do nosso passeio.

3

*Igreja da Misericórdia*⁹

9. Horário: segunda-feira a sábado: 10h00-22h00; domingos: encerrada.

Este edifício, construído entre 1541 e 1551, é da autoria do arquiteto e mestre de arquitetura taviense André Pilarte, que participou também na construção do Mosteiros dos Jerónimos, em Lisboa, e é o mais importante monumento renascentista do Algarve (Galhardo, s. d.: 9).

Destacamos o pórtico, aberto por um arco de volta perfeita com a

imagem de Nossa Senhora da Misericórdia, as armas reais e as da cidade e, a ladear a Virgem, dois anjos que lhe seguram o manto e dois altos relevos que representam os apóstolos São Pedro e São Paulo (Adão *et al.*, 2004: 22) (foto 5).

Atualmente, o interior desta igreja é visitável, como reclamado por Sebastião Leiria, em 1968:

Complicadamente, o belo templo da Misericórdia, que é sem dúvida um dos monumentos de maior valor da cidade, continua ano após ano, já não se sabe quantos, vedado ao culto dos visitantes.

Em tempos, já distantes, tiveram ali início alguns trabalhos de restauro que depois ficaram interrompidos, não sabemos se para sempre. [...]

Exactamente porque receamos que tal suceda e se vá manter eternamente encerrado um tão precioso elemento do património artístico e histórico da cidade, aqui vimos perguntar a quem de direito o que se passa com a igreja da Misericórdia de Tavira. (Leiria, 1968: 135)

Diz o autor, a propósito deste facto, que são “*Coisas de Tavira*.” (Leiria, 1968: 135). E provavelmente serão, pois José Saramago confirma-o na sua *Viagem a Portugal* (1981), quando explica como o viajante:

Daqui foi a Tavira, onde terá de voltar outro dia se quiser ver o que trazia na ideia: o Carmo, Santa Maria do Castelo, a Misericórdia, São Paulo. Não têm conto as portas a que o viajante bateu, os passantes que deteve na rua. Informações não faltavam, mas quando, enfim, chegava a porto seguro, aí mesmo se lhe afundavam as esperanças: ou não estava quem devia, ou não tinha autorização quem estava. (Saramago [1981] 1997: 371)

Fica assim o nosso passeio mais pobre, por ter sido privado das palavras que Saramago certamente teria escrito a propósito dos monumentos que pretendia visitar.

Deixando a igreja do seu lado direito, suba a estreita escadaria (foto 6) e, ao cimo desta, tem à sua frente o Palácio da Galeria, núcleo principal do Museu Municipal de Tavira.¹⁰

Este edifício remonta ao segundo quartel do século XVI e deve o seu nome à presença de uma galeria renascentista no segundo piso. As suas formas atuais, contudo, devem-se à grande reforma barroca que teve lugar em meados do século XVIII, pela mão do arquiteto Diogo Tavares e Ataíde.

10. Horário: terça-feira a sábado: 9h15-16h30; domingos, segundas e feriados: encerrado.



Foto 6: Rua da Galeria.

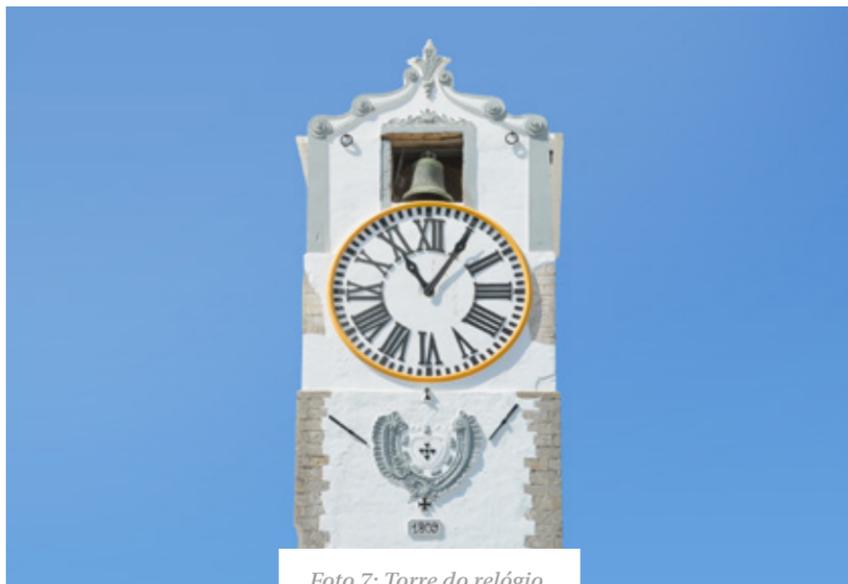


Foto 7: Torre do relógio.

De frente para o museu, ao seu lado esquerdo, no cimo da rua, consegue visualizar a torre do relógio (foto 7).

Deixando-se levar pela imaginação, assumo que o sino desta torre é aquele a cujas badaladas o poeta taviense Manuel Virgínio Pires se refere quando escreve que “*Vem o dia a despontar / E com badaladas finas, / Começa a aldeia a acordar / Com o toque das matinas.*” (2007: 32).

Continue a caminhada.

Prossiga em direção à torre do relógio e, quando aí chegar, contorne o edifício da igreja pelo lado direito e vire à esquerda. Está perante a entrada da Igreja Matriz de Santa Maria do Castelo (foto 8).



Foto 8: Igreja Matriz de Santa Maria do Castelo.

Igreja Matriz de Santa Maria do Castelo¹¹

Até ao século XIII, o lugar onde hoje se ergue esta igreja era ocupado pela principal mesquita desta cidade islâmica. Aquando da sua tomada aos mouros, em 1242, Dom Paio Peres Correia, Mestre da Ordem de Santiago, converteu-a numa igreja que dedicou a Nossa Senhora dos Mártires e que só mais tarde foi denominada de Santa Maria do Castelo, devido à sua localização.

Construída em estilo gótico, a igreja foi danificada pelo terremoto de 1755 e reconstruída em finais do

século XVIII, segundo um projeto do arquiteto italiano Francisco Xavier Fabri, por ordem de D. Francisco Gomes do Avelar, Bispo do Algarve (Adão *et al.*, 2004: 21-22, Vasconcelos, 1989: 229-230).

Detenhamo-nos aqui para lembrar um episódio ocorrido aquando da tomada da cidade aos mouros, no qual História e histórias mais uma vez se confundem.

11. Horário: segunda a sexta-feira: 10h00-17h00; sábados 10h00-13h00; domingos: encerrada.

Já referimos que Tavira foi tomada aos mouros pelos cristãos liderados por Dom Paio Peres Correia, em 1242. Na origem deste acontecimento terá estado uma violação da trégua entre mouros e cristãos, quando sete cavaleiros da Ordem de Santiago terão atravessado Tavira, supostamente para ir caçar faisões. Um ato entendido pelos mouros como uma invasão e, portanto, uma quebra do acordo celebrado que os cavaleiros cristãos pagaram com

a vida. Dom Paio Peres Correia, por sua vez, retaliou e atacou Tavira com as suas tropas, tendo chacinado a população muçulmana da cidade, num episódio de tal forma sangrento que lhe valeu a alcunha de “o mata-mouros” (Adão *et al.*, 2004: 21-22, Cavaco & Covaneiro, 2012: 36-37). Um capítulo da história da cidade que encontramos descrito no Canto VIII d’*Os Lusíadas* (1572), de Luís de Camões:¹²

XXV

Olha um Mestre que desce de Castela,
Português de nação, como conquista
A terra dos Algarves, e já nela
Não acha que por armas lhe resista;
Com manha, esforço e com benigna estrela,
Vilas, castelos, toma à escala vista.
Vês Tavila tomada aos moradores,
Em vingança dos sete caçadores [...]

Luís de Camões ([1572] 1976: 223)

12. Luís Vaz de Camões (Lisboa, c.1524 –1579 ou 1580) é considerado o maior nome do Classicismo português e uma das maiores figuras da literatura lusófona.



Os cavaleiros mártires estão sepultados nesta igreja, como testemunha uma lápide existente no seu interior. Já quanto a Dom Paio, as opiniões dos especialistas dividem-se. Sabe-se que lhe foi prometida sepultura nesta igreja, que o cavaleiro pretendia ser aqui sepultado e existe mesmo uma lápide no interior da igreja com a seguinte inscrição:

AQUI JAEM OS OSSOS DE D. PAYO PERES CORREIA GRAM
Me DA ORDEM DE SANTIAGO QUE TOMOU ESTA CIDe AOS MOUROS
FALECEU EM 10 FEVERº DE 1275 METERAO SE AQUI NO ANO DE 1751

No entanto, é também uma possibilidade que esteja sepultado em Calera de León, para onde foram mandados trasladar os seus restos mortais pelos Reis Católicos, em 1511 (López Fernández, 2003: 767-769).

Com efeito, Dom Paio Peres foi disputado por portugueses e castelhanos em vida e após a sua morte, tal era o reconhecimento da valentia e das façanhas do Mestre:

XXVI

Vês, com bélica astúcia ao Mouro ganha
Silves, que ele ganhou com força ingente:
É Dom Paio Correia, cuja manha
E grande esforço faz inveja à gente.
Mas não passes os três que em França e Espanha
Se fazem conhecer perpétuamente
Em desafios, justas e tornéus,
Nelas deixando públicos troféus.

Luís de Camões ([1572] 1976: 223)





Foto 9: Entrada da Calçada dos 7 Cavaleiros.



Foto 10: Castelo e Muralhas de Tavira.

A reputação do Mestre valeu-lhe várias referências em textos literários. Na verdade, para além d'*Os Lusíadas*, os seus feitos surgem igualmente descritos na *Crónica Geral de Espanha de 1344*, redigida por D. Pedro Afonso, terceiro Conde de Barcelos, no poema épico *D. Branca ou a Conquista do Algarve* (1826), de Almeida Garrett, e na peça *El sol parado* (c. 1592), de Lope de Vega.

E é, por entre lendas, letras, tradições e suposições que o convidamos a prosseguir este passeio, contornando a igreja pela direita e caminhando cerca de 100 metros até ver, à sua direita, a entrada da Calçada dos 7 Cavaleiros (foto 9).

Olhando para a esquerda desta placa, vê o Castelo e Muralhas de Tavira (foto 10), o próximo ponto de paragem deste passeio.

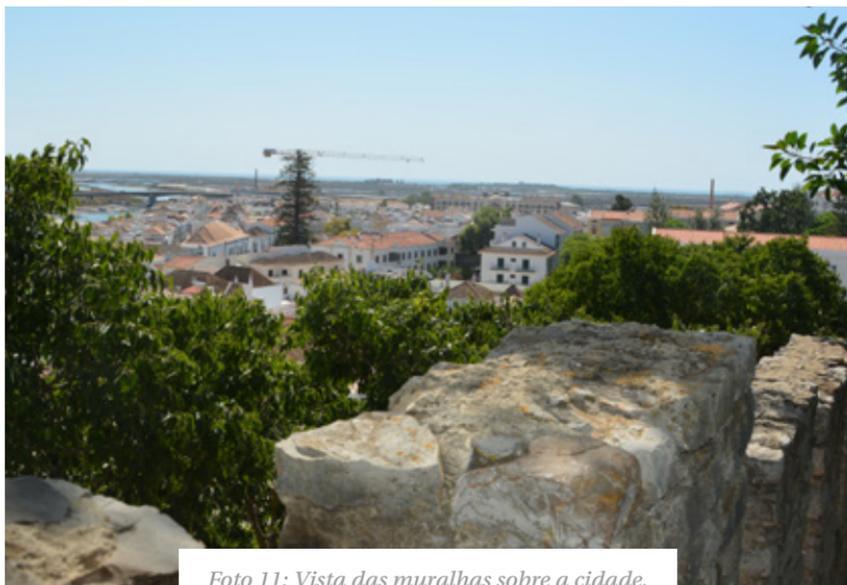


Foto 11: Vista das muralhas sobre a cidade.

5

Muralhas e Castelo

Caso o monumento esteja aberto,¹³ sugerimos que entre e suba as escadas à sua esquerda para desfrutar da melhor vista da cidade. A partir deste ponto, a cidade “escondida” desvenda-se à sua frente (foto 11).

13. Horário de verão: segunda a sexta-feira: 08h30-19h00; sábados, domingos e feriados: 10h00-19h00. Horário de inverno: segunda a sexta -feira: 08h30-17h00; sábados, domingos e feriados: 09h00-17h00.

Chamamos antes de mais a sua atenção para os telhados de tesoura que daqui se avistam e que o poeta tavricense Emiliano da Costa¹⁴ cantou numa evocação da casa da sua infância:

À luz do dia

[...]

A minha casa
Tinha telhados de tesoura
Como tantos e tantos
Que vão pela cidade fora.
Tinha flores-melindres no quintal,
Uma porta de reixa numa banda,
Na outra uma varanda
Que dava para a baixa-mar

[...]

Emiliano da Costa ([1947] 1989: 19-20)

14. Emiliano da Costa (Tavira, 1884-Faro, 1968)
foi médico, escritor e poeta; viveu em Estoi, onde
exerceu medicina.



A construção destes belíssimos telhados é bastante dispendiosa, razão pela qual constituem testemunhos da riqueza dos seus proprietários e da prosperidade de Tavira.

Historiadores e arquitetos apontam múltiplas possibilidades quanto à origem destes peculiares telhados que, existindo em maior quantidade no Algarve, particularmente nas cidades de Tavira, Faro e Lagos, são também esporadicamente observáveis noutros pontos do país, como é o caso de Sintra.

Temos assim teses que apontam para uma origem oriental, para a entrada desta técnica em Portugal por via dos Descobrimentos, apontando outras no sentido de a prevalência destes telhados se dever a “limitações técnicas e construtivas”, sendo, como tal, “uma consequência natural do sistema construtivo e não uma importação de origem oriental” (Sarrazola & Gago, 2016: 427).

A partir destas muralhas, o visitante tem uma vista privilegiada sobre as cúpulas das igrejas, as ruas e ruelas, as pontes e o rio que desliza ao encontro do mar e convida a uma visita à ilha de Tavira. Escreve Rogério Silva:¹⁵

Do alto do castelo deliciei-me a passear os olhos pela ponte romana (o que ela não conhece da história de Tavira!!!), pelo Gilão que, vindo da serra pelo vale da Asseca a descrever graciosas curvas, fruto talvez da sua irrequietude de menino traquinas, ao chegar à cidade parece envergonhar-se, beijá-la respeitosa e, para, mais além, retomar de novo as suas traquinices até encontrar o mar. Dali vi ao longe a ilha com a frondosa mata, apresentando agora um aspecto novo para mim, pois está ligada às Quatro Águas por imponente ponte, onde os automóveis mais parecem formigas no seu previdente vaivem [*sic*]. (Silva, 1968: 143)

Mas, em terra de mouros e lendas, não podemos abandonar este lugar sem referir a conhecida lenda da Moura do Castelo de Tavira, na versão constante no *Romanceiro do Algarve* (1870), de Estácio da Veiga:

15. Rogério Gregório da Silva (Tavira, 1945) é um advogado e escritor algarvio, cofundador da editora Gente Singular.

Meia noite além ressoa
Cerca das ribas do mar
Meia noite já é dada
E o povo ainda a folgar.

Em meio de tal folguedo
Todos quedam sem falar
Olhos voltam ao castelo
Para ver, para avistar
A linda moura encantada
Que era triste a suspirar.

Quem se atreve, ai quem se atreve
Ir ao castelo e trepar
Para vencer o encanto
Que tanto sabe encantar?

Ninguém há que a tal se atreva
Não há quem em mouros fiar
Quem lá fosse a tais desoras
Para só desencantar
Grande risco assim correrá
De não mais de lá voltar.

Ai que linda formosura
Quem a pudera salvar!
O alvor dos seus vestidos
Tem mais brilho que o luar
Doces, tão doces suspiros
Onde ouvi-los suspirar ... ?

Assim um bom cavaleiro
Só se estava a delatar
Em amor lhe ardia o peito
Em desejos seu olhar.
Três horas eram passadas
Neste continuo anceiar
Cavaleiro de armas brancas
Nunca soube arreceiar
Invoca a linda mourinha
Mas não ouve o seu falar.

Nada importa a D. Ramiro
Mais que a moura conquistar
Vai subir por muro acima
Sente os pés a resvalar
Ai que era passada a hora
De a poder desencantar! ...

Já lá vinha a estrela d'alva
Com seus brilhos a raiar
No mais alto do castelo
Já mal se via alvejar
A fina branca roupagem
Da linda filha de Agar.
Ao romper do claro dia
Para mais bem se pasmear
Sobre o castelo uma nuvem
Era apenas a pairar
Jurava o povo, jurava
E teimava em afirmar
Que dentro daquela nuvem
Vira a donzela entrar.

D. Ramiro d'enraivado
De não poder-lhe chegar
Dali parte e contra os mouros
Grande briga vai armar,
Por fim ganha um bom castelo
Mas... sem moura para amar.

s.a. (in Vasconcelos, 1989: 286-288)





Foto 12: Rua da Liberdade.

Continue a caminhada.

Posicionando-se de costas para o castelo, volte à sua esquerda e desça a Calçada dos Sete Cavaleiros (de Dom Paio Peres Correia), deixando a Igreja Matriz à sua direita. Vire à esquerda e caminhe até ao final da rua. Aí chegado, vire novamente à esquerda, e caminhe até chegar à Praça da República.



6

Praça da República

Para aqui chegar, desceu a Rua da Liberdade (foto 12), uma das mais antigas ruas da vila-a-fora, aberta para dar acesso ao mercado, que se realizava nesta praça e que, numa primeira fase, se destinava sobretudo à comercialização de produtos locais.

No entanto, nos séculos XV e XVI, a expansão marítima promoveu um acentuado desenvolvimento do porto da cidade e deu origem, neste lugar, a uma feira franca que funcionava nos dois lados do rio e contava com uma grande presença de mercadores estrangeiros, sobretudo flamengos. Nessa época, para além do comércio de produtos como o sal, o vinho, o azeite e os figos, transacionavam-se aqui também produtos vindos de África e este era também um mercado de escravos (Adão *et al.* 2004: 53).

Continue a caminhada.

Viajando agora a um passado mais recente, posicione-se no canto da arcada do edifício da câmara municipal, onde termina a Rua Alexandre Herculano (foto 13).

Detenha-se então um pouco a observar a praça enquanto lê um excerto de uma crónica de Ofir Chagas, de 1964:¹⁶



*Foto 13: Arcada da
Câmara Municipal.*

Gostamos de apreciar [...] o vai e vem da gente que transita de loja para loja, do trabalho para casa, ou que, aproveitando ainda a amena temperatura, passeia junto ao monumento dos Combatentes da Grande Guerra. Por isso, sempre que podemos, passamos algum tempo no canto da arcada onde termina a Rua Alexandre Herculano, nosso ponto de observação preferido. (Chagas, [1964] 1968: 11)

16. Ofir Renato Chagas (Tavira, 1935) historiador, colaborador do *Povo Algarvio* e do *Jornal do Algarve*. Foi cofundador e diretor dos jornais *O Tavira* e *Lest Algarve*. Dedicou-se à pesquisa histórica sobre a cidade de Tavira.

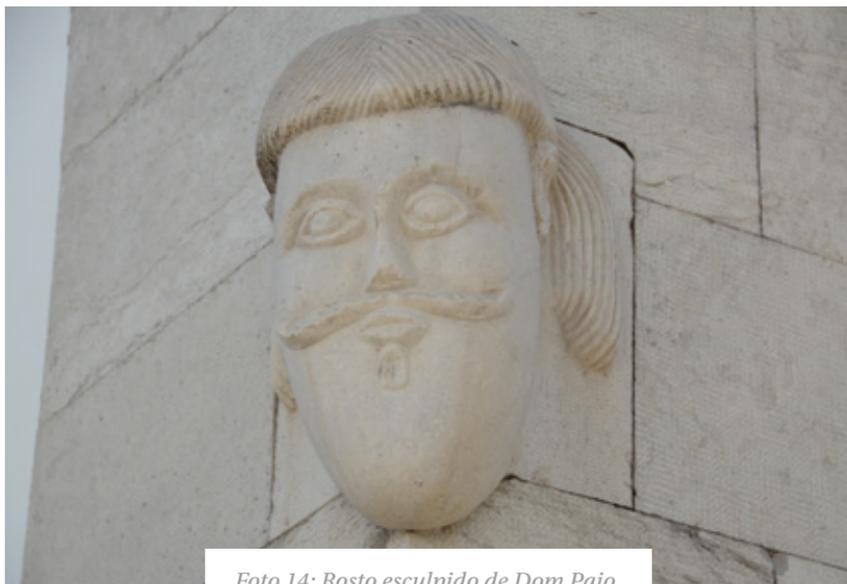


Foto 14: Rosto esculpido de Dom Paio.

E é neste ponto que, inesperadamente, ao narrador se junta um outro observador atento, Dom Paio Peres Correia. Uma inusitada intervenção do herói da Reconquista leva o leitor a procurar o rosto esculpido de Dom Paio, visível na coluna atrás de si (foto 14).

Em jeito de brincadeira, e porque os testemunhos da época referem Dom Paio como um homem excepcionalmente alto, dizem os tavienses que a cabeça se encontra esculpida à altura a que ficaria a do cavaleiro em pé.

Aqui chegando, este passeio já o levou a conhecer alguns dos pontos de interesse mais significativos de Tavira, quer geográficos quer patrimoniais quer históricos. Convidamo-lo por isso a ler, nesta praça, um poema de Carlos Brito,¹⁷ cujas palavras compõem a imagem da cidade da sua família materna e sintetizam o que viu e ouviu ao longo deste percurso:

Tavira

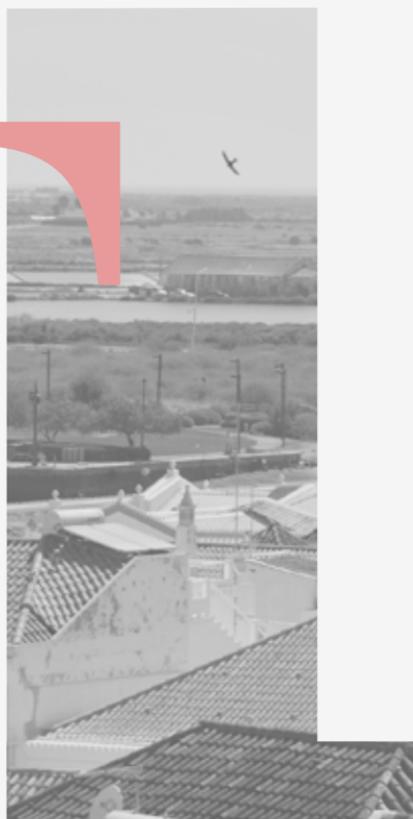
O branco turbante arremessado
sobre as baixas colinas do Gilão
memória ainda impressiva do Islão
num hirto e aristocrático passado

Frei Paio Peres Correia sepultado
o ciclo cristão Ceuta a expedição
porto atlântico atum a última armação
Álvaro de Campos aqui invento-nado

Terra dos meus avós e minha mãe
teia de vidas antes da minha vida
quando venho qualquer coisa me retém

Não só o ar antigo as igrejas-museus
mas o alegre falar desta gente sofrida
rostos tisonados onde revejo os meus.

Carlos Brito (2004: 47)



17. Carlos Brito (Moçambique, 1933) é um político, poeta e jornalista português.

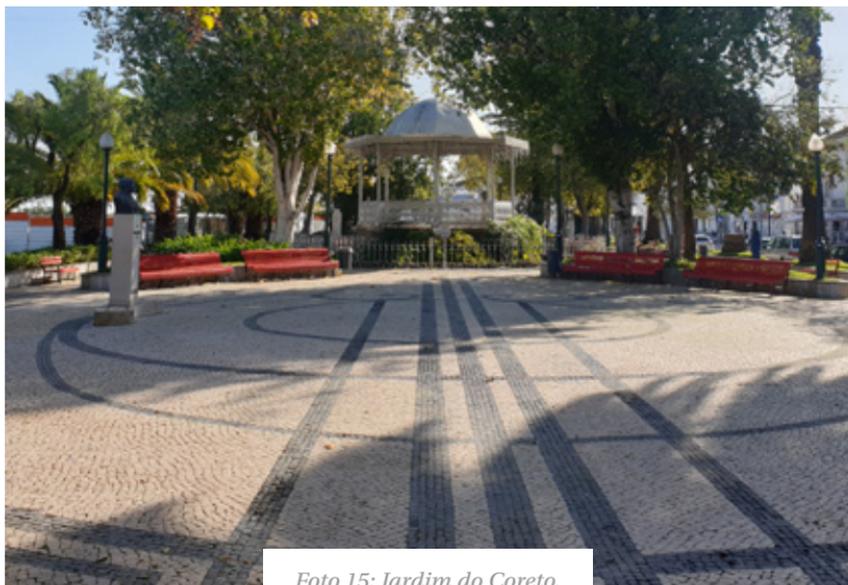


Foto 15: Jardim do Coreto.



Continue a caminhada.

Atravesse a praça em direção ao rio e, olhando para a sua direita, avista o jardim (foto 15).

É para lá que se vai dirigir agora. Entrando neste espaço, caminhe até ao coreto.



Foto 16: Coreto.

7

Jardim do Coreto

Está no centro do jardim público mais antigo de Tavira, perante um bonito coreto de forma octogonal e linhas flexíveis, exemplo da chamada arquitetura do ferro oitocentista (foto 16).

Na sua base foi colocada uma pequena placa em homenagem ao músico, jornalista e escritor Sebastião Leiria (foto 17).



Foto 17: Placa de homenagem a Sebastião Leiria.



Foto 18: Busto de Isidoro Manuel Pires.

À sua esquerda, encontra um busto do poeta tavirense Isidoro Manuel Pires¹⁸ (foto 18), e, na sua base, a inscrição de uma quadra da sua autoria:

Maria toma cuidado
vê onde pisas o chão!...
se dás um passo mal dado
pisas o meu coração.

18. Isidoro Manuel Pires (Tavira, 1894–1958) notabilizou-se como poeta e jornalista. Foi proprietário e diretor do jornal *Povo Algarvio* e presidente da Câmara de Tavira entre 1937 e 1939.

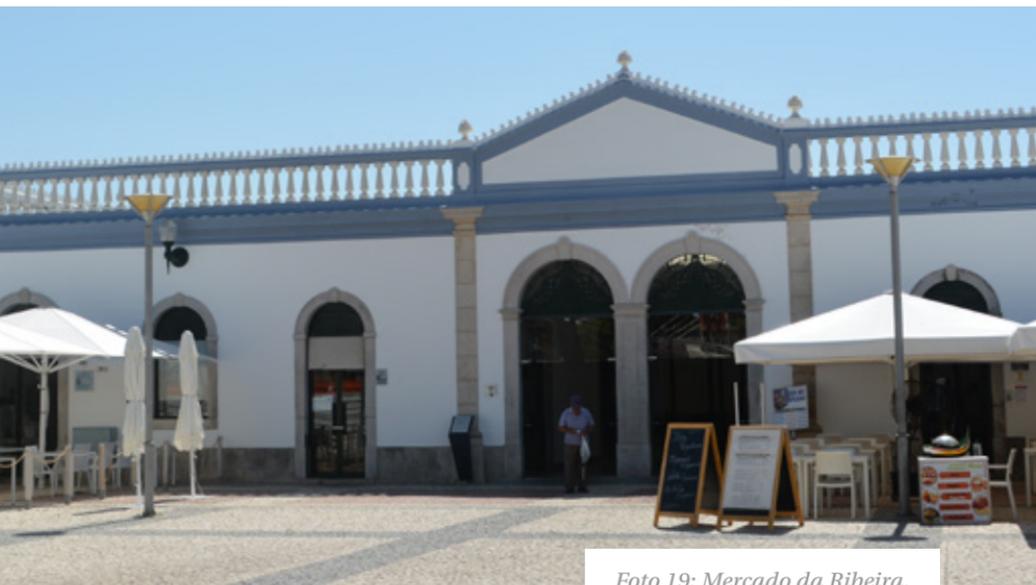


Foto 19: Mercado da Ribeira.



Continue a caminhada.

Deixando o coreto à sua esquerda, vê à sua frente o antigo Mercado da Ribeira (foto 19), último ponto de paragem deste passeio literário. Dirija-se até lá.

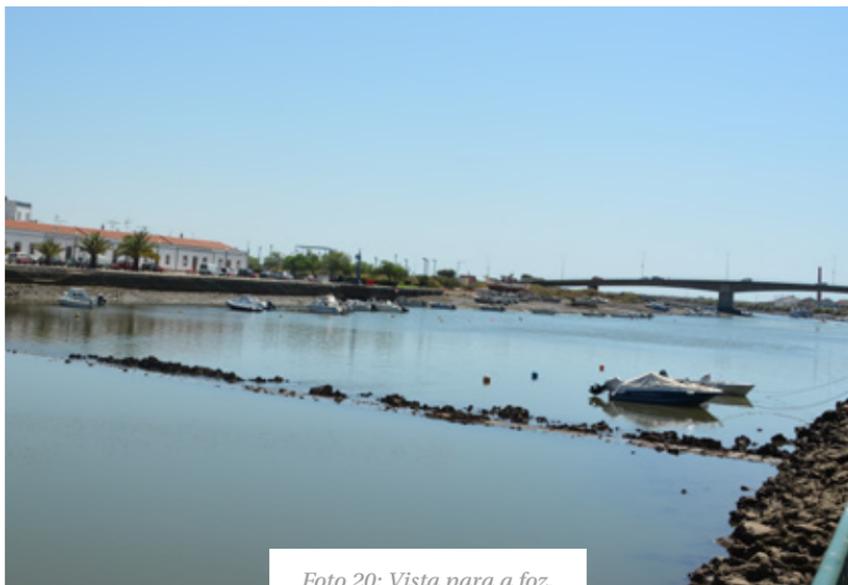


Foto 20: Vista para a foz.

8

Antigo Mercado da Ribeira¹⁹

O antigo Mercado da Ribeira é um edifício do século XIX com portões duplos em ferro fundido e frontões ricamente decorados, no qual a cornija e a balaustrada rematam as fachadas. Até 1999, funcionou aqui o mercado municipal. Atualmente, o edifício recuperado e requalificado

alberga exposições e um conjunto de espaços de comércio tradicional e restauração. Se possível, visite o seu interior e admire a artística estrutura de ferro. Em seguida, posicione-se no seu exterior junto à margem do rio, olhando na direção da foz (foto 20).

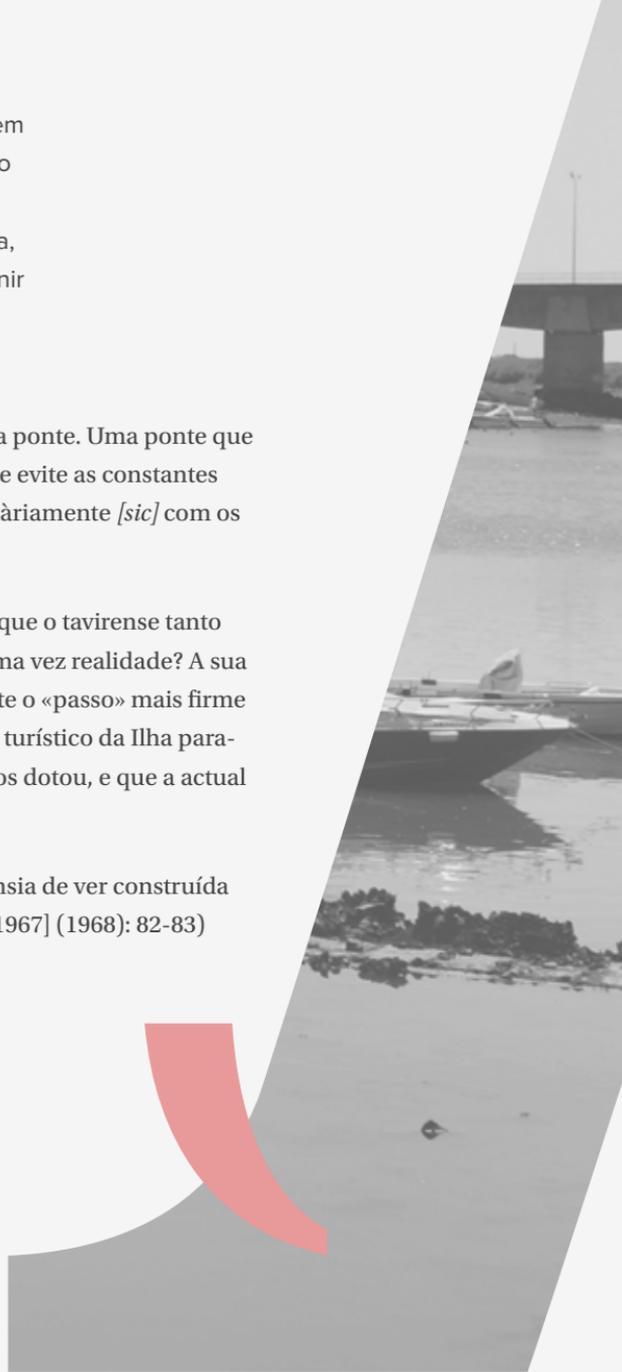
19. Horário: segundas-feiras: 10h00–22h00; terças-feiras, quintas-feiras, sextas-feiras, sábados e domingos: 10h00–22h30; quartas-feiras: encerrado.

Um pouco adiante do lugar em que se encontra, localiza-se o cais a partir do qual se faz o transporte até à ilha de Tavira, já que a ponte destinada a unir a cidade à ilha não existe:

[...] Tavira ambiciona ter outra ponte. Uma ponte que ligue a praia à cidade e que lhe evite as constantes irritações a que está sujeito diariamente *[sic]* com os transportes fluviais para Ilha.

Será esta tão desejada ponte, que o tavirense tanto adoraria ver construída, alguma vez realidade? A sua edificação seria presentemente o «passo» mais firme para o justo desenvolvimento turístico da Ilha paradisíaca com que a natureza nos dotou, e que a actual ligação fluvial atrofia e afasta.

Por isso, o tavirense vive na ânsia de ver construída uma quinta ponte. (Chagas, [1967] (1968): 82-83)





Mas o caminho em direção ao mar não sugere apenas lazer, remete para o porto de que falámos anteriormente e lembra-nos também que estamos numa terra de mariscadores e pescadores que traziam parte dos seus produtos até este mercado.

Particularmente importantes para o desenvolvimento económico desta cidade foram as armações destinadas à pesca do atum, a também chamada copejada

do atum. Estas armações eram estruturas muito complexas, montadas a 1 de março e recolhidas a 15 de julho, implicando o recurso a muitos quilómetros de redes e a inúmeras âncoras e boias, para além de um enorme aparato humano e suporte logístico, sendo, portanto, bastante dispendiosa e só viável com uma abundante captura de peixe.

Na segunda metade do século XX, esta espécie quase desapareceu desta costa; a última armação de atum no Algarve foi lançada em 1972 e capturou um único exemplar (Costa, 2013: 21, 33, Galhardo, s. d.: 32).

A dimensão e carácter espetacular destas armações e da copejada de atum é dificilmente imaginável sem uma visita ao Núcleo Museológico da Pesca do Atum²⁰ e à praia do Barril, onde se situa o famoso cemitério das âncoras.

20. O Núcleo Museológico da Pesca do Atum situa-se, aproximadamente, a 4 km do centro da cidade e está aberto diariamente, das 10h00 às 18h00.

Propomos, no entanto, a leitura de um excerto que descreve os momentos que antecedem esta faina, retirado do conto “Uma copejada de atum”, de Manuel Teixeira Gomes: ²¹

Ainda a madrugada não dava sinais de romper, já nos encontrávamos no bote que nos devia levar à armação. Durante a noite o vento fizera-se mais de terra, mas ainda de má feição; a distância era grande e havia muito que bordejar para a vencer a tempo de assistir ao começo [*sic*] da copejada. Fazia luar; a ondulação do mar, espaçada e surda, era como que abafada por aquela silenciosa luz branca.

O caminho fez-se mais depressa do que julgávamos, e quando entrámos na barca da testa, onde devíamos assistir à pesca, a lua não empalidecera ainda de todo e apenas a nascente dois fios de carmim, tenuíssimos, assinalavam, no céu polido e esverdeado, o ponto por onde ia surgir o sol.

A companhia, como viera duas horas antes, acabava os últimos preparativos para a pesca, ensebando os cabos, experimentando as roldanas, e reforçando as pulseiras dos arpões.

À volta da armação aglomerava-se grande número de lanchas de carga, vindas durante a noite, dos portos vizinhos, onde o telégrafo levava aviso da grande copejada em perspectiva. Essas lanchas, pela ordem da sua chegada, destinavam-se a carregar o peixe que se pescasse, para conduzir à lota de Vila Real de Santo António, o grande mercado de atum, concorrido de italianos e espanhóis.

Mas no enorme agrupamento de gente, batéis e lanchas, de que se distinguiam já claramente as formas e os movimentos, o que surpreendia era o silêncio, inesperado e sempre admirável na gente do mar, e sobretudo em algarvios de tão falaruca fama. Era para não espantar o peixe, como a superstição aconselha.

Rompeu, por fim, o sol, apressado e quente, sem que tivéssemos prestado atenção ao seu glorioso aparecimento, e começou a concertada faina de levantar o céu da armação. (Gomes, 1927: 205)

21. Manuel Teixeira Gomes (Portimão, 1860 - Argélia, 1941) exerceu funções políticas, foi nomeado ministro de Portugal em Londres (1911) e, em 1923, foi eleito Presidente da República (1923-1925). Dois anos mais tarde renunciou ao cargo e partiu para o exílio voluntário e definitivo.



Por fim, e em jeito de despedida da discreta e escondida Tavira, oferecemos-lhe um outro excerto de uma crónica de Sebastião Leiria, no qual a paisagem do passado e a do presente, o lugar, a arquitetura e as gentes se combinam de forma harmoniosa, dando lugar a uma encantadora homenagem à cidade:



Tavira foi sempre isto.

Sempre este eterno mar, verde, azul, cintilante, a rolar serenamente sobre os dourados pés das suas praias. Sempre esta fita de veludo azul que vem da serra e lhe deixa no peito tímido a carícia sinuosa do Gilão em busca do mar. Sempre estas amendoeiras que a perder de vista a florescem de pureza, e à noite se pressente que árvores em flor e moiras do antigo encanto se dão as mãos e dançam voluptuosamente na evocação de insatisfeitos amores. Sempre este mesmo plumoso recosto de montes esmeraldinos, onde montes de austeras alfarrobeiras ordenam alegres figueirais ou místicas oliveiras. Estes vergéis envolventes que lhe mandam o perfume das laranjeiras e nespereiras e da rosa da Alexandria. [...]

Que canseira de prazer! (Leiria, [1963] 1968: 8-9)

SUGESTÕES
E OUTRA
INFORMAÇÃO



Abaixo, oferecemos-lhe um conjunto de sugestões para tornar ainda mais agradável a sua caminhada.

Locais de interesse

- Museu Municipal de Tavira / Palácio da Galeria
- Núcleo Islâmico do Museu Municipal de Tavira
- Núcleo Museológico da Pesca do Atum
- Ilha de Tavira
- Praia do Barril / Cemitério das âncoras
- Igreja Matriz de Santa Maria
- Igreja da Misericórdia
- Castelo

Eventos

- Dia da cidade (24 de junho)
- Feira da Dieta Mediterrânica (setembro)
- “Verão em Tavira” (julho e agosto)

Referências bibliográficas

A lista das referências bibliográficas referente à informação contida neste passeio literário está disponível em rotaliterariadoalgarve.pt.



ORÇAMENTO
PARTICIPATIVO
PORTUGAL



REPÚBLICA
PORTUGUESA

CULTURA

cult
alg

Direção Regional de
Cultura do Algarve



UAlg

UNIVERSIDADE DO ALGARVE